

O Corpo Falante

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Junho 2015 70

Sobre o inconsciente no século XXI

Para citar use a seguinte referência:

Vieira, M. A. O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. *Opção lacaniana*, vol. 70, EBP, São Paulo, p. 3-6, 2015.

[Capa e índice da publicação](#)

Marcus André Vieira

Resumo

Como podemos pensar diferença entre o corpo implodido e fabricado de hoje do corpo tal como a análise nos leva a considerar? É que ela nos mostra como nos sustentamos em peças avulsas, como uma colagem surrealista, simultaneamente pedaços de gozo e de linguagem. Aceitar a aposta do inconsciente é assumir a seguinte premissa: o que nos sustenta como Um não é o que o espelho nos devolve. Esta aposta nos abre à profusão de imagens e de fragmentos que gravitam a nosso redor. É sobretudo nela que encontraremos essa sustentação.

1.

Nosso corpo não para de nos dizer coisas. Para os médicos, seus sinais indicam o bom ou o mau funcionamento da máquina. O corpo pode, porém, dizer muito mais, porque é também nossa história viva, o resultado daquilo que, de nossos encontros, e até mesmo antes do nascimento, nos marcou e constituiu.

Foi o que descobriu Freud, e ainda que ao tocar nesses ditos, feitos não apenas de palavras, mas também de sensações e fragmentos de imagens, afetamos a própria vida do corpo e de seu gozo.

Dessa verdadeira chuva de falas que cai sobre nós, quais delas contarão? O que fará parte de nós, constituindo-nos como sujeitos? A própria unidade do corpo não é dada de saída. Precisamos de alguém, a mãe ou de quem cuide de nós, para dar-lhe pouco a pouco consistência. Somente quando sou capaz de viver o enxame de dizeres que me atravessam como meus é que este corpo, até então falado, torna-se um corpo que fala, meu corpo.

Hoje, tudo o que sustentava a unidade da identificação imaginária tende a ser substituído pela legião de saberes que incidem, a partir do Google sobre a criança. Temos motivo para perguntar se algo mudou no espelho do Outro.

É o que busca mostrar nosso cartaz. Ele é fruto do trabalho de Vik Muniz, artista brasileiro que toma uma obra representativa clássica de Eckersberg e a refaz usando pedaços de revistas rasgadas. O artista chama a série de seus quadros, a qual esta obra pertence, espelhos de papel.

O resultado nos dá o sentimento tão contemporâneo de que a imagem que temos de nós mesmos só se sustenta enquanto a miramos de longe. Não me refiro ao conhecido tema segundo o qual de perto podemos enxergar os vícios e as imperfeições ocultas, mas sim perceber o quanto nossa auto-imagem, incluindo nisso o corpo, é resultado de uma fabricação.

O cartaz visa, porém, a indicar algo mais (encarnado no título, que flutua em algum lugar entre a tela e nós). Ele apresenta o tema do nosso X Congresso: *O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI*.

X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise



25 a 28 de abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro

© © MUNIZ, Vik/ Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2014

O corpo do cartaz não é aquele a que acabamos de nos referir. Não é o corpo falado, ou o corpo que adquiriu a capacidade de falar, o corpo que fala, mas sim o corpo falante.

Aceitar a aposta do inconsciente é assumir a seguinte premissa: o que nos sustenta como Um não é o que o espelho nos devolve. Esta aposta nos abre à profusão de imagens e de fragmentos que gravitam a nosso redor. É sobretudo nela que encontraremos essa sustentação.

Quando a empreitada prossegue o mais longe possível, até suas últimas consequências, a cada vez que nos aproximamos do gozo mais essencial de um corpo, quando nos aproximamos daquilo que mantém alguém vivo, o ponto último de sua singularidade, não encontramos nenhuma unidade. Além disso, nos deparamos sempre com coisas feitas tanto de linguagem quanto de gozo (o que Lacan chamou *lalíngua*). É o que se vislumbra nos testemunhos daqueles que levaram suas análises a este ponto e que ao oferecerem seus relatos ao dispositivo do passe foram nomeados Analistas da Escola.

2.

E quanto ao corpo? Do ponto de vista do passe nosso corpo é uma verdadeira "colagem surrealista" (como diz Lacan no Seminário 11 ao se referir à *pulsão*). É um pouco como o da moça do cartaz.

Ora, há diferença entre o corpo implodido e fabricado de hoje e do corpo tal como a análise nos leva a considerar. É que ela nos mostra como nos sustentamos exatamente nestas peças avulsas, simultaneamente pedaços de gozo e de linguagem.

Eles não são tão numerosos assim. Ao longo dos encontros, vemos que há algo que neles retorna, como uma nota que insiste na melodia. Não é por acaso se falamos muitas vezes em "percussão" para traduzir sua presença. Ela não tem muito sentido, apenas uma reincidência contínua em nosso dizer que chamamos, com Lacan, *sinthoma*.

Deste ponto de vista, a moça do cartaz só tem corpo porque o *sinthoma*, esta incidência inaugural da linguagem sobre o vivente, faz se fala e que esta fala se entrecruza com outras compondo um mosaico linguageiro que dá a seu usuário uma miragem de unidade. É por falar, portanto, que ela pode ter um corpo e, mais, acreditar ser um. Disto deriva o termo proposto por Lacan nestes seminários, *falasser*.

Não estamos habituados e ter este conceito como referência em nossa prática. Tomamos mais facilmente aquele que vem nos ver como um sujeito que considera seu corpo como uma unidade fechada e que, por exemplo, vive muito mal qualquer intervenção ou modificação nele, já que o toma como a morada sagrada de sua alma. É preciso postular que lidamos cada vez mais com situações como a da moça do cartaz, que não precisa assumir que é um corpo, mas sim que tem um corpo, passando a construí-lo e reconstruí-lo como pode, muitas vezes se perdendo nisso, sem contar com o apoio de seu *sinthoma*.

Assim entendo porque J. A. Miller em sua apresentação do tema do Congresso nos propôs abordar a pulverização contemporânea do corpo a partir do conceito lacaniano de *falasser* e

de fazer uma aposta. Faremos nossa, portanto, sua proposta de fazer a aposta de que já analisamos o falasser, resta-nos saber dizer como”.

Não vamos simplesmente opor sujeito e falasser como se um pertencesse ao passado e o outro ao futuro, mais sim experimentar o efeito, no presente, da abordagem da experiência clínica a partir de um e de outro. Trata-se de bem-dizer o que acontece em nossa prática quando esta se dá como parceiro o falasser, ou seja, quando ela visa ao falante do corpo e não tanto aquilo que o fato de falar engendra como semblante de identidade.

É que nossa prática tem cada vez mais que lidar com uma divisão que não a de desde sempre teorizada entre alma e corpo. Como a de alguém, por exemplo, que detém poder e adora exercê-lo, mas vê como seu uso sem limites de cocaína coloca tudo em risco, ou ainda a mulher que só pode estar no amor como objeto de maus-tratos, mas que ao mesmo tempo é bem-sucedida como nenhum outro nos negócios. São divisões entre gozos, não tanto entre corpo e alma.

Teremos que nos apoiar na tensão proposta por Jacques-Alain Miller, na mesma conferência, entre *sinthoma* e *escabelo*. Este último, parte da "negação do inconsciente", por meio da qual alguém pode se "acreditar mestre de seu ser" para, a seguir tomar da cultura um *escabelo*, ou seja, "aquilo sobre o qual um falasser se içã, no qual sobe para ficar belo" para "empinar o nariz e dar uma de glorioso".

Também retomaremos a tríade por ele proposta como debilidade, delírio e tapeação [*duperie*] como verdadeiros eixos clínicos referentes aos três registros de Lacan, imaginário, simbólico e real no contexto da experiência clínica com o falasser. De fato, o *sinthoma* vem enlaçar a debilidade de tomar seu corpo como Um, o delírio vem articular o necessário para acreditar nisso e a tapeação nos permite deixar-nos levar por isso para circunscrever um real, "um real no qual acreditar sem nele aderir, um real que não tem sentido, indiferente ao sentido e que não pode ser outro a não ser o que é". Podemos dizer que temos acesso a este plano na experiência clínica diária? Parece mais prudente usá-lo como um mapa para percorrer as formas atuais de nossas dores, errâncias e gozos.

Esta é uma grande exigência clínica. Ela começa com o esforço de reduzir a grande distância que às vezes separa o que lemos e o que escrevemos do que fazemos.

Apenas uma comunidade como a nossa pode se dar tal desafio. Nossos congressos a cada dois anos são o momento de convergência do trabalho desta comunidade, a dos membros da Associação Mundial de Psicanálise. Estamos espalhados por todo o mundo, mas trabalhamos em uma mesma orientação. Garantir que esta orientação verifique-se no

trabalho de nossa Associação é a tarefa de seu presidente, que segue de perto a preparação deste encontro.

Vocês poderão em breve descobrir o site do evento, assim como todas as informações práticas referentes a ele.

Finalmente, uma nota para dizer que o Brasil, anfitrião deste Congresso, pode ter papel significativo a desempenhar nele. É um país que leva muito a sério, para o melhor e o pior, o corpo; que tem a tradição de grandes manifestações em que o falante do corpo está presente e ordena massas às vezes na casa dos milhões. Os membros da Escola Brasileira de Psicanálise estão atentos às consequências que o ensino de Lacan pode disso extrair.

O essencial, a meu ver, é destacar o que ocorre quando o falante do corpo comparece, sustentando um dizer naquilo que ele pode causar riso ou escândalo. Não é o que explica o grande número dos que comparecem a nossos eventos? É que eles sabem que se pode tudo ler no Google e tudo ver no Facebook, mas que para estar no plano da aposta, da aposta do indecível, do que pode provocar um dizer quando encontra o corpo, é preciso estar ali.

É o fato do encontro com um dizer naquilo que ele muda uma vida, que continua a ser o desafio da psicanálise e para isso, de acordo com o poeta, não há equilíbrio, apenas equilibristas. É por esta razão que convido vocês a virem encontrar os membros da AMP no seu trabalho no Brasil.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Ler um Sintoma

Junho 2015

70

OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-090
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scificet III que reúne ao lado de *Ornicar?* as seguintes publicações:
Cluque, Belo Horizonte; *Cuadernos de Psicoanálisis*, Bilbao;
El Psicoanálisis, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;
La Psicoanálisis, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;
Opção-Lacaniana, São Paulo; *Quarto*, Bruxelas

FUNDADORES: Antonio Benet, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR: Jacques-Alain Miller

EDITORA: Angelina Harari

COORDENAÇÃO: Teresinha N. Meirelles do Prado

COLABORAÇÕES: Heloisa Caldas (*Tradução*), Marcus André Vieira (*Clássicos*),
Teresinha N. Meirelles do Prado (*Distribuição e Revisão Técnica*)

DIAGRAMAÇÃO: Angela Mendes e Fabiane Daniels

IMAGEM DA CAPA: João Churchill, desenho sobre canson, 2014.

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*
por correio ou desejarem difundi-la, podem dirigir-se à
Redação pelo e-mail oplacaniana@gmail.com.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise

70

EDITORIAIS

Marcus André Vieira, O corpo falante – sobre
o inconsciente no século XXI, **3**

Ana Vigganó, Marcar os pontos obscuros
de uma luminosidade que engecece, **7**

ORIENTAÇÃO LACANIANA

Jacques-Alain Miller – Ler um sintoma, **13**

O AMOR E O INCONSCIENTE AO FINAL DA ANÁLISE

Maria Josefina Sota Fuentes, Abertura da mesa plenária:
"O amor e o inconsciente ao final da análise", **23**

Ana Lyella Santiago, Metamorfose no amor, **25**

Angelina Harari, Um endereçamento para o amor:
do inconsciente ao real, **29**

Leonardo Gorostiza, O amor, o tempo e uma mulher, **33**

Marcus André Vieira, Amor no limite, **37**

Rômulo Ferreira da Silva, O destino do amor no final da análise, **43**